

TENDÊNCIAS ATUAIS DA PESQUISA NA ÁREA DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS NO BRASIL*

L. P. da Moita Lopes¹

Antes de tratar das tendências atuais da pesquisa sobre ensino/aprendizagem de línguas no Brasil, cabe fazer um pequeno relato retrospectivo da tradição das investigações nesta área, de modo que se possa recuperar as bases em que se assentam as novas direções da pesquisa neste campo.

Tradicionalmente, muito da pesquisa que ainda se faz se enquadra, de modo geral, em duas principais tendências:

1) *Investigação teórico-especulativa*, baseada em informação teórica advinda principalmente da Lingüística (entendida em sentido micro e macro), que estabelece implicações para como se proceder em sala de aula, sem que esta seja objeto de investigação. Ou seja, a relação com a sala de aula é por idealização. Por exemplo, a partir de princípios da Lingüística Textual que teorizam sobre tipos de texto, levantam-se questões sobre como se proceder no ensino de redação. Este procedimento é típico de pesquisadores que trabalham em Lingüística Aplicada (LA) periféricamente ou vendo-a como área secundária de atuação, ou de pesquisadores que

* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada na mesa-redonda intitulada "Aprender e Ensinar Línguas: Iniciativas de Pesquisa Contemporânea no Brasil e no Exterior", no III Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada, UNICAMP, 1992.

** Professor do Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

operam em LA em uma tradição de aplicação de Lingüística.

Os problemas advindos desta tendência são que, além de se desconsiderar a sala de aula como alvo de pesquisa, ignora-se que a descrição de um fato lingüístico não tem relação direta com o ato de ensinar/aprender línguas. Esta descrição precisa ser filtrada a partir de teorias da psicologia da aprendizagem, de teorias de ensino, da psicologia social etc. E é possível até que, ao se fazer este filtramento, chegue-se à conclusão de que aspectos de uma descrição lingüística formal venham a ser preteridos por aspectos da intuição do usuário sobre o fenômeno da linguagem.¹ Esta maneira de se operar em LA parece ignorar a complexidade do ato de ensinar/aprender línguas. É curiosa a visão de certeza sobre o que deve ser feito em sala de aula com que os pesquisadores desta linha trabalham sem que o professor e o aluno sejam sequer considerados.

Para ilustrar esta tradição, vou citar um exemplo da literatura de planejamento de cursos de línguas estrangeiras (LEs). Trata-se do caso recente das implicações da pesquisa computacional de descrição lingüística realizadas na Universidade de Birmingham, extremamente enriquecedoras para a nossa compreensão do funcionamento da língua inglesa moderna, mas cujas descobertas foram utilizadas por Willis na elaboração do chamado Programa de Ensino de LEs Lexical de maneira unilateral.² Willis considera que, devido ao fato de certos itens lexicais serem mais comumente usados em inglês do que outros, conforme a pesquisa Corpus Linguistics indica, através de análise computacional, estes itens de mais alta ocorrência devam ser ensinados bem cedo no processo de aprendizagem. Ora, o equívoco é típico do quadro descrito acima, já que um item lexical pode ser extremamente comum em inglês, mas ser inútil do ponto de vista da aprendizagem. Em outras palavras, é provável que itens não tão comuns (cognatos, por exemplo) sejam mais úteis para acelerar o processo de ensinar/aprender LEs ou para facilitar o engajamento com o discurso em sala de aula, embora sua posição na hierarquia de ocorrências de itens lexicais que o computador indica seja baixa. Critérios orientados para o produto da aprendizagem têm que dar lugar a aspectos relativos ao processo da aprendizagem para que esse produto descrito pelo computador seja aprendido de forma mais eficiente.

2) O outro tipo de tradição de pesquisa na área é aquela calcada na

¹ WIDDOWSON, H. G. *The partiality and relevance of linguistic descriptions*. In WIDDOWSON, H. G. *Explorations in Applied Linguistics*. Oxford: OUP, 1979.

² WILLIS, D. *The Lexical Syllabus*. Londres: Collins Sons & Co Ltd, 1990.

investigação do produto da aprendizagem de línguas. Trata-se de uma extensão da tradição anterior, no sentido de que leva, para a sala de aula, as implicações de uma determinada teoria lingüística (às vezes acompanhadas por outras teorias advindas de outras áreas do conhecimento) que embasa uma certa abordagem de ensino a ser investigada em termos de uma relação de causa e efeito quanto ao desempenho de aprendizes ou do produto final da aprendizagem. Assim, tal abordagem constitui uma hipótese sobre o processo de ensinar/aprender línguas a ser testada em sala de aula, através de um desenho de pesquisa quase-experimental, envolvendo grupo experimental e de controle, como também a manipulação de variáveis que possam afetar a validade externa e interna da pesquisa. Submetem-se os alunos, então, a testes para aferir o produto final da aprendizagem, cujos resultados serão tratados estatisticamente, de modo a se poder estabelecer relações de causa e efeito entre a hipótese testada (tratamento experimental) e o produto da aprendizagem.

O que as duas tradições mencionadas evidenciam é que tanto em uma como em outra o processo de ensino/aprendizagem fica fora do alcance do pesquisador. Por um lado, temos sugestões para a sala de aula e, por outro, temos a investigação destas sugestões com foco no resultado da aprendizagem, sem que o processo de ensino/aprendizagem propriamente dito seja considerado. Daí a distinção que se faz na literatura entre pesquisa *orientada para* a sala de aula³ e pesquisa *na* sala de aula.

É o foco no estudo do processo de ensinar/aprender línguas que identifica a tendência atual, ou seja, pesquisa na sala de línguas que, na minha visão, pode ser entendida como sendo de dois tipos:

a) *Pesquisa de diagnóstico*, centrada na investigação do processo de ensinar/aprender, conforme realizado nas salas de aulas. No Brasil, são exemplos desta linha os trabalhos de Fernandes, uma dissertação de mestrado da PUC-SP, em que a autora investiga os tipos de perguntas colocadas pelo professor de LE⁴; o trabalho de Freire, em que se estuda a percepção do conceito de competência comunicativa por parte do professor

³ NUNNAN, D. Methods in second language classroom-oriented research. *Studies in Second Language Acquisition*, nº 13, pp 249-279, 1991.

⁴ FERNANDES, A. L. M. *Estudo sobre a interação professor e aluno em sala de aula: as perguntas do professor.* Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 1992.

de LE conforme atualizado em sala de aula⁵; o trabalho de Almeida Filho et alii em que se tenta estudar a representação dos processos de ensinar e aprender LE, ensejada em sala de aula da rede pública, pelo livro didático⁶; o trabalho de Moraes, uma dissertação de mestrado da UNICAMP, que aborda a questão da relação entre o saber e o poder do professor na aula de LE⁷; o trabalho de Kleiman, que trata da interação entre o aluno e o professor em língua materna (LM)⁸; e o de Bortoni e Lopes, em que se analisa a interação entre a professora, os alunos e o texto didático de LM.⁹

b) *Pesquisa de intervenção*, em que o foco é colocado na investigação de uma possibilidade de se modificar a situação existente em sala de aula. São exemplos desta linha os trabalhos de: Magalhães, em que a autora relata pesquisa de natureza colaborativa no ensino de LM¹⁰; Szeneszi, uma dissertação de mestrado da UFSC, em que a autora estuda o uso da técnica do diário dialogado para ensinar redação em LE em escola secundária¹¹; Almeida Filho, em que o autor mostra a possibilidade de ensinar LE a partir do conteúdo de outras disciplinas do currículo¹²; e o de Moita Lopes, em que se investigam programas de ensino de leitura tanto em LE quanto em LM, elaborados para escolas públicas.¹³

- 5 FREIRE, A. M. F. "O ensino da gramática como parte do ensino de língua: a palavra e a prática do professor de língua estrangeira". Comunicação apresentada no III Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, UNICAMP, 1992.
- 6 ALMEIDA FILHO, J. C. et alii. A representação do processo de aprender no livro didático nacional de língua estrangeira moderna no 1º grau. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, nº 17, pp. 67-97, 1991.
- 7 MORAES, M. G. *O saber e o poder do professor de línguas: algumas implicações para uma formação crítica*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1990.
- 8 KLEIMAN, A. "Cooperation and control in teaching: the evidence of classroom questions". *ERIC Clearing House Microficha*. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1990.
- 9 BORTONI, S. M. & LOPES, I. A. A interação professora x alunos x texto didático. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, nº 18, pp. 39-60, 1991.
- 10 MAGALHÃES, M. C. "Interações dialógicas entre professores e pesquisador: aprendendo e criando oportunidades de aprendizagem". Comunicação apresentada no III Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, UNICAMP, 1992.
- 11 SZENESZI, E. S. *The use of dialogue journal writing to teach EFL secondary school students*. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1991.
- 12 ALMEIDA FILHO, J. C. "Ensino de LE com base no conteúdo de outras disciplinas". Trabalho apresentado na mesa-redonda sobre Aprender e ensinar línguas: iniciativas de pesquisa no Brasil e no exterior, III Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, UNICAMP, 1992.
- 13 MOITA LOPES, L. P. "Teachers' perception of an innovative syllabus for the teaching of reading". Comunicação apresentada no 13th Annual Ethnography in Education Research Forum, Universidade da Pennsylvania, 1992. "Interação em LE e LM na escola pública: a construção do conhecimento". Trabalho apresentado na mesa-redonda sobre Pesquisa na Sala de Aula, na Reunião da SBPC, USP, São Paulo, 1992.

Nestes dois tipos de pesquisa, observa-se uma tendência para a pesquisa qualitativa, notadamente de natureza etnográfica, em oposição a uma tradição de pesquisa chamada de análise interativista. Entretanto, embora centrados na observação da ação na sala de aula de línguas, os dois tipos de investigação se diferenciam quanto ao modo de realizar a observação e a interpretação dos dados.

Na análise interativista, o pesquisador se utiliza de uma grade constituída de categorias previamente estabelecidas, com o objetivo de detectar o comportamento de professores e alunos, quando em ação na sala de aula.¹⁴ O resultado destas análises são expressos em números que serão depois tratados estatisticamente. Este procedimento já foi bastante criticado na literatura¹⁵, devido, entre outros fatores, ao uso de categorias pre-existentes à própria investigação.

O outro tipo de metodologia de pesquisa, totalmente diferente da análise interativista, e que me parece ser preponderante hoje em dia, tanto no Brasil quanto no exterior, é a chamada pesquisa de natureza etnográfica. No Brasil, esta corrente pode ser representada por uma série de trabalhos associados ao Projeto METANET, que engloba projetos da UFRJ (o Projeto SALINGUAS), UNICAMP e UNB.

A etnografia na sala de aula é uma descrição narrativa dos padrões característicos da vida diária de seus atores sociais (professores e alunos), na tentativa de compreender os processos de ensinar/aprender línguas. Para fazer este tipo de pesquisa, é necessário comportar-se na sala de aula como observador participante, escrever diários, entrevistar alunos e professores, gravar aulas em áudio e vídeo etc, para, então, tentar descobrir: a) o que está acontecendo neste contexto; b) como estes acontecimentos estão organizados; c) o que significam para alunos e professores; e d) como estas organizações se comparam com organizações em outros contextos de aprendizagem.¹⁶ Portanto, não se opera a partir de categorias preestabelecidas antes da entrada no campo de investigação, isto é, a sala de aula, mas a partir de uma questão de pesquisa que norteará o estudo.

O que tem preponderado é uma preocupação com a natureza da inte-

¹⁴ FLANDERS, N. A. *Analysing Teaching Behaviour* Reading, Mass.: Addison-Wesley, 1970.

¹⁵ CAVALCANTI, M. & MOITA LOPES, L. P. Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro. *Trabalhos de Lingüística Aplicada*, nº17, pp. 133-144, 1991.

¹⁶ ERICKSON, F. Qualitative Methods in Research on Teaching. In WITTRUCK, M. (org.) *Handbook of Research on Teaching*. New York: MacMillan, 1986.

ração na sala de aula como espaço de aprendizagem. Basicamente, tem havido interesse pelo estudo dos processos sócio-interacionais enquanto elementos geradores da construção do conhecimento, isto é, da cognição. Este interesse é parte de uma tendência, em várias áreas de investigação (análise do discurso, estudos cognitivistas, educacionais etc), pela questão da interação, ao se basearem na premissa de que o significado, a compreensão e a aprendizagem devem ser definidos em relação a contextos de ação¹⁷, onde atores reais interagem na construção do significado, do conhecimento e da aprendizagem, ou seja, tanto a aprendizagem quanto o significado são definidos como formas de co-participação social.

Estes estudos encontram, no trabalho de neovygotiskianos, tais como Lave & Wenger, Wertsch & Bruner e Edwards & Mercer¹⁸, a expansão do conceito da zona de desenvolvimento proximal, situada como o resultado de processos interacionais entre o aprendiz e interlocutores mais competentes, e motivam grande parte do interesse da pesquisa voltada para a interação entre alunos e professores na sala de aula. Tais estudos parecem estar apontando um deslocamento tanto na pesquisa quanto no ensino, que passaram do foco tradicional no professor para o aprendiz nos últimos anos, fixando-se atualmente na interação entre alunos e professores. Estudos etnográficos e micro-etnográficos na sala de aula, devido às suas próprias naturezas, parecem essenciais para a compreensão da interação.

Para finalizar, gostaria de lembrar que talvez a grande tendência hoje seja o chamado movimento do professor pesquisador, em que o professor deixa seu papel de cliente/consumidor de pesquisa, realizada por pesquisadores externos, para assumir o papel de investigador crítico de sua própria prática. É o que também se chama de *pesquisa-ação*, que pode ser entendida de dois modos: a) como uma maneira privilegiada de gerar conhecimento sobre a sala de aula, devido à percepção interna do processo que o professor tem; e b) como uma forma de avanço educacional, já que envolve o professor na reflexão crítica sobre o seu trabalho. Acredi-

¹⁷ HANKS, W. F. Foreword to *Situated Learning*. In LAVE, J. & WENGER, E. *Situated Learning*. Cambridge: CUP, 1991.

¹⁸ LAVE, J. & WENGER, e. *Situated Learning*. Cambridge: CUP, 1991.
 WERTSCH, J. V. (ed.) *Culture, communication, and cognition: Vygotskian perspectives*. Cambridge: CUP, 1985.
 WERTSCH, J. V. *Voices of the Mind*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1991.
 BRUNER, J. S. *Actual Minds, Possible Worlds*. Londres: Harvard University Press, 1986.
 EDWARDS, D. & MERCER, N. *Common Knowledge*. Londres: Routledge, 1987.

to que veremos cada vez mais pesquisas realizadas por professores de línguas apresentadas em seus próprios foros de discussão e em congressos, contribuindo inclusive para gerar teorias sobre o processo de ensino/aprendizagem de línguas, embora não se excluam investigações conduzidas por pesquisadores externos. Também me parece claro que os cursos de formação de professores vão se voltar cada vez mais para a investigação da prática de ensinar/aprender línguas, ao invés de serem cursos em que os professores fornecem conteúdos a serem assimilados pelos futuros professores.¹⁹

¹⁹ CELANI, M. A. A. "O uso de diários como elemento revelador de mudanças de atitudes em alunos de prática de ensino". Comunicação apresentada no II Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada, UNICAMP, 1989.